

## **POR QUE CONTAMOS HISTÓRIAS? UM ESTUDO DE CASO SOBRE O PODER DA LITERATURA ORAL NA FORMAÇÃO DOS SUJEITOS**

Ânderson Martins Pereira<sup>1</sup>

[andersonmartinsp@gmail.com](mailto:andersonmartinsp@gmail.com)

Ariane Avila Neto de Farias<sup>2</sup>

[arianenetof@gmail.com](mailto:arianenetof@gmail.com)

### **RESUMO**

157

O presente trabalho visa discutir acerca da importância do desenvolvimento de atividades de contação de histórias em ambiente escolar para a aproximação entre educadores e discentes, bem como a importância das narrativas na formação do indivíduo. Para tanto, partimos de um estudo de caso realizado com professores e alunos do ensino básico em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul. Esse estudo parte das reflexões teóricas de Olga Molina (1992), Fanny Abramovich (2004) e Alessandra Giordano (2007), estudiosas que pontuam a necessidade do desenvolvimento de práticas que coloquem a contação de história como prática dentro da sala de aula. Dessa forma, acreditamos que as atividades realizadas pelo grupo de contação de histórias, junto aos demais agentes da escola, colaboraram para um espaço ainda mais valioso para o processo de ensino e aprendizagem. Ademais, entendemos que as práticas contribuíram para a construção de um espaço efetivo de troca e engajamento entre professores e alunos de forma mais produtiva e significativa.

**Palavras-chave:** Literatura Infantil; Oralidade; Contação de histórias; Sala de aula; Prática docente.

## **1 INTRODUÇÃO**

Contar histórias é a mais antiga das artes, tendo o seu início ainda nos primórdios da humanidade. Conta-se que o primeiro narrador foi o grego Heródoto, ao qual se atribui a história do Rei Egípcio. Porém, muito antes dele, os homens primitivos já contavam suas histórias e registravam-nas por meio de desenhos rupestres nas cavernas que habitavam. Foi através das histórias contadas por esses ancestrais que soubemos como chegamos até a atualidade. Parte-se do pressuposto de que não há país ou etnia que não possua seus contos ou lendas. Assim, este trabalho parte de um estudo de caso realizado com crianças de educação básica em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, objetivando refletir acerca da prática de contação de histórias e da relevância de sua inserção em ambiente escolar na/ para a formação dos sujeitos, bem como para aproximação entre alunos e professores que nelas estão envolvidos.

As práticas foram realizadas em uma biblioteca pública do município e em diversas

---

<sup>1</sup> Doutorando em Letras, na área Estudos Literários da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em Letras na Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

<sup>2</sup> Doutoranda em Letras, na área de História da Literatura da Universidade Federal de Rio Grande (FURG). Possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Pampa (2011) e mestrado em Letras pela Universidade Federal de Pelotas (2017)

escolas da cidade. Essas foram desenvolvidas visando ao atendimento de um público formado por alunos do 1º ao 5º ano do ensino fundamental e de professores que atendiam esses anos letivos. A escolha do escopo se deu em acordo com o aporte teórico aqui utilizado, pois, ao entender que a contação de histórias contribui com o desenvolvimento do indivíduo, buscou-se a realização das atividades com alunos do ensino básico com idades entre 06 e 11 anos. As atividades foram desempenhadas uma vez por semana e estenderam-se por um período de seis meses, entre os meses de julho a dezembro de 2018.

A logística se deu na promoção de oficinas de contação de histórias nas escolas que tivessem interesse em receber a prática. Salienta-se o fato de que os professores das escolas participantes foram convidados a integrar-se às atividades desenvolvidas pelo grupo através da produção de exercícios que pudessem ser desenvolvidos com os discentes. O convite para a integração do professor às atividades desenvolvidas pela equipe externa fez-se a partir da percepção da necessidade de apropriação tanto da importância da inserção de narrativas em ambiente escolar, como das ferramentas para introduzi-las em sala de aula por esse.

O docente era convidado a levar sua turma para a biblioteca para dar prosseguimento às atividades de contação de histórias para seus alunos, nas quais os integrantes do grupo se revezavam para guiar os alunos nessas práticas. Mais para o final do período de realização das atividades, essas migraram para a biblioteca pública infantil da cidade, pois os grupos foram crescendo conforme as práticas eram desenvolvidas. A nova infraestrutura propiciava um ambiente mais afeito à contação de história, já que estava rodeado de livros e espaço para que até duas turmas pudessem ser colocadas juntas, promovendo uma troca de saberes entre alunos e professores de diferentes realidades escolares.

Como complemento dessas atividades foram realizadas entrevistas com professores e alunos, quando foi investigada a importância da contação de histórias na escola para os anos iniciais, bem como a sua possível contribuição para a aproximação aluno/professor. Algumas perguntas preparadas tinham o objetivo de conferência do entendimento da atividade de contação de histórias para a conquista de novos leitores, especialmente, de leitores literários. Durante as ações do grupo, foram utilizados poucos artifícios visuais, a maior parte das atividades constituiu-se a partir de recursos auditivos e interpretativos, o que ajudou na constatação de que, desta forma, a criatividade e a fantasia interagem de forma intensa e eficaz.

Para tanto, busca-se a partir do encontro das atividades desenvolvidas com as contribuições teóricas de importantes estudiosos da área, pontuar que o hábito na prática de exercícios que recorrem à oralidade se faz importante para a construção de sujeitos-leitores, bem como de cidadãos reflexivos na sociedade, já que essas propõe os mais diversos diálogos entre os indivíduos nela envolvidos. Compreende-se também que os diversos agentes — discentes,

docentes e demais funcionários da instituição — dessas práticas são instigados a libertar sua imaginação, de modo que o processo de ensino e aprendizagem seja enriquecedor. O presente artigo buscou ainda analisar a maneira como as práticas de contação de histórias foram ferramentas substanciais para a criação de vínculos afetivos fortes entre os sujeitos nelas envolvidos. A aproximação entre os agentes do ambiente escolar se faz fundamental para o estabelecimento de um ambiente propício para o processo de ensino-aprendizagem.

Acredita-se, assim, como apontado por Fanny Abramovich em *Literatura Infantil: gostosuras e bobices* (2004), que “ao ler uma história a criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí, ela pode pensar, duvidar, e perguntar, questionar [...]. Pode se sentir inquietada, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião [...]” (p. 143). Nesse contexto, dá-se destaque ao desenvolvimento da criança que participa ativamente das atividades de compartilhamento de narrativas, pois as histórias podem ser desenvolvidas como excelentes ferramentas de trabalho na educação desse sujeito.

## **2 POR QUE CONTAMOS HISTÓRIAS?**

Ao sugerir a importância das atividades orais, Jesualdo Sosa, em *A literatura infantil* (1978), diz que “as narrações foram a luz que reuniu os homens primitivos sob uma mesma emoção simples. E elas viveram vencendo larga trajetória secular, na memória dos homens, de geração em geração, sem o apoio da escrita” (1978, p. 22). Nesse sentido, a História nos mostra que os contos nasceram com os homens e sempre fascinaram as pessoas em todos os tempos. Era dessa maneira que todo conhecimento era transmitido: através da fala. No princípio, a palavra escrita não existia e, durante muitos séculos, homens sentaram-se ao redor de fogueiras para contar e ouvir histórias e, desde essa época, as narrativas nutriam a imaginação e acalentavam a alma humana.

Nas sociedades tribais primitivas, essa atividade não possuía uma finalidade exclusivamente artística, mas sim, um caráter funcional decisivo. Os contadores de histórias eram os que conservavam e transmitiam o conhecimento acumulado pelas gerações, as crenças, os mitos, os costumes e os valores a serem preservados pela comunidade. Malban Tahan (1966), escritor e matemático brasileiro, que escreveu sobre lendas e fábulas passadas no oriente, nos esclarece que: “entre os indígenas, os pajés eram os depositários das tradições das tribos, as quais ele deveria transmitir às novas gerações para serem veneradas e conservadas através dos tempos” (p.17).

Outra cultura que valoriza os contadores de histórias é a africana, cujos “Griots”<sup>3</sup>, verdadeiros guardiões da memória popular, têm posição de destaque em suas comunidades. Essas culturas valorizam tanto os sujeitos que assumem esse papel que, quando uma tribo entra em conflito, o único que não pode ser ferido é o sacerdote das histórias já que ele é responsável por corporificar em si toda a existência de sua civilização e não pode ser calado.

A história nos mostra que determinadas doutrinas religiosas, como o taoísmo, eram propagadas pelo contador de histórias. Esses eram xamãs ou sacerdotes, curadores e mediadores culturais. Já na Idade Média, os contadores de história eram conhecidos como bardos e usufruíam de um status social elevado, tendo determinadas vantagens em relação aos demais.

Na obra *República* (379 a.C.), de Platão, bem como na *Política*, de Aristóteles (4--? a.C) e ainda na *Odisséia*, de Homero (1978 [entre 750 e 650 a.C]) podemos ver diversas referências aos sujeitos responsáveis pela contação de histórias. Quanto à civilização grega, essa cultuava muito os seus contadores e, para eles, a memória era a mãe das musas responsáveis pela inspiração<sup>4</sup>, revelando a importância da tradição oral para o período clássico, especialmente antes da difusão da escrita. Eles postulam que os momentos de narração de histórias eram ocasiões de união de toda uma nação.

Sobre o contador de histórias, Alessandra Giordano, no livro *Contar Histórias: Um recurso arteterapêutico de transformação e cura*, esclarece que:

O poder da palavra no relato do contador de antigamente era revestido de poder pela crença de sua linhagem. Enquanto veículo da memória, eles contavam, de boca em boca, mesmo depois da chegada da escrita. Contaram sobre os rituais de reverência, de sacrifícios, de catástrofes, de amores e temores que sempre acompanharam o homem desde os seus primórdios. (2007, p.05)

Quando começou a ser disseminada, a palavra escrita era restrita a uma camada muito pequena da população. Nesse viés, a atividade oral destacava-se como a forma primária de perpetuação de tradições e de saberes, bem como da difusão das lendas e das histórias dos diferentes povos. Assim, aqueles sujeitos responsáveis pelo exercício da oralidade, através da narração de histórias, são incumbidos de narrar fatos, encadear acontecimentos, perpetuar crenças, manter tradições, além de repassar o conhecimento. Nessa perspectiva, a oralidade se fez importante para a preservação do passado; um passado que, de diferentes formas, reflete-se em nosso presente.

<sup>3</sup> Griots é o nome dado aos grupos de contadores de histórias. Eles vivem hoje em muitos lugares da África Ocidental, incluindo Mali, Gâmbia, Guiné e Senegal.

<sup>4</sup> Mnemosyne, divindade grega que era uma das Titânides, filha de Urano e Gaia é a deusa que personificava a memória; ~~ela seria a divindade da enumeração vivificadora frente aos perigos da infinitude e os do esquecimento~~

### 3 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: UMA PRÁTICA NECESSÁRIA

O período de revolução comunicativa, no qual estamos inseridos, faz com que o hábito de contar histórias perca sua força. A revolução na comunicação apregoada por McLuhan (1971), em livro homônimo, começa a partir da popularização e disseminação de aparelhos audiovisuais. Esse processo tem sua origem a partir da invenção de Orticon — a primeira televisão que poderia ser produzida em escala industrial — em 1923 e desencadeia um processo que, segundo o autor, viria a intensificar-se. McLuhan, ainda que tenha morrido no ano de 1980, chega a prever tecnologias que nos conectariam globalmente, como aconteceu postumamente com o advento da internet. Esse processo não dá sinais de desaceleração e com a criação de novas mídias e tecnologias, se torna cada vez mais rápido e a adequação da sociedade a ele se faz fundamental. Assim, tendo em vista a força na tecnologia em nossos dias, é inegável o fato de que somos bombardeados pela força das imagens das mídias sociais.

Essa realidade tecnológica e midiática fez com que dentro das mais diversas instituições houvesse o retorno ao debate acerca da importância do papel da oralidade na formação dos sujeitos, bem como a sua função na formação de leitores. Consequentemente, essa discussão tem levado ao surgimento de diversos movimentos de retomada dessa arte milenar, compreendida como uma das formas primordiais de interação e de troca de conhecimentos entre os sujeitos. Nesse sentido, faz-se um retorno às ideias de Câmara Cascudo (2001, p. 40) que postula o poder da oralidade. O teórico assinala que as histórias foram feitas para serem contadas diretamente, de boca em boca, com o coração, nada podendo substituir a emoção de uma história contada.

Antônio Cândido, no artigo “A literatura e a formação do homem”, diz que “a literatura de modo geral, contribui para a formação do ser humano em qualquer fase da vida” (1972, p. 03). Portanto, a literatura, na infância, pode ser um meio eficiente de enriquecimento e desenvolvimento da personalidade, sendo ideal para auxiliar as crianças e jovens nas diversas fases do seu amadurecimento: um passaporte para vida e para a sociedade.

Na mesma perspectiva, a teórica Bárbara Carvalho postula que “[...] a literatura infantil, enriquecendo a imaginação da criança, vai oferecer-lhe condições de liberação sadia, ensinando-lhe a libertar-se pelo espírito: levando-a a usar o raciocínio e a cultivar a liberdade” (1998, p. 21). Ainda, a estudiosa Teresa Borges, em *A criança em idade pré-escolar* (1994), acrescenta o fato de que a leitura pode colaborar em diversos aspectos do desenvolvimento cognitivo e afetivo das crianças. Ela assinala que, “é inegável a importância da literatura, quando se pensa na formação completa do ser humano, num processo que busque o equilíbrio entre o desenvolvimento da inteligência e da afetividade, entre a razão e a emoção, entre o utilitário e o estético” (1994, p. 125).

Entretanto, se faz necessário pontuar a importância do estímulo do contato das crianças com a literatura desde a mais tenra idade. Sobre isso, Sandroni e Machado (1996), ao tratar do princípio de estímulo ao prazer de ler aliado à busca de estratégias que usem recursos adequados à realidade brasileira, afirmam que “[...] o amor pelos livros e pelas histórias que eles contam não é coisa que apareça de repente, é preciso ajudar a criança a descobrir o que elas lhe podem oferecer” (p.16). Ecoando a fala das teóricas mencionadas, Caio Ritter, ao dissertar acerca da importância das atividades orais de contação de histórias, em seu livro *A formação do leitor literário em casa e na escola*, traz seu depoimento sobre a sua formação como elemento importante para a compreensão da necessidade da aproximação da criança às atividades de contação de história ainda dentro de casa: “não nasci em uma família leitora [...] Mas tive uma mãe contadora de histórias[...]” (2009, p.13).

Relatos como o de Ritter (2009) colocam em evidência a necessidade do desenvolvimento de atividades de contação de histórias, já que essa é, também, responsável pela transmissão dos mais variados conhecimentos e valores, tendo atuação decisiva na formação e no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem. Dessa forma, pode-se inferir que a contação de histórias está vinculada à questão do imaginário infantil, sendo uma ferramenta de incentivo tanto da imaginação como da leitura e da escrita, proporcionando, como apontado pela estudiosa Vera Sant’Anna (2013), “o desenvolvimento do consciente e subconsciente infantil, a relação entre o espaço íntimo do indivíduo (mundo interno) com o mundo social (mundo externo), resultando na formação de sua personalidade, seus valores e suas crenças” (p. 56).

Essa atividade ganha um destaque ainda maior na reflexão acerca de sua realização dentro do âmbito escolar; entende-se a escola a partir de seu papel necessário no processo de tomada de consciência da importância das atividades orais. Ao professor, que entende o seu papel contador de histórias, cabe a obrigação de utilizar esta ferramenta a favor do seu aluno. Segundo, Olga Molina (1992):

[...] a partir do momento em que se reconhece o papel da escola na formação do leitor, apesar de todos os limites concretos, torna-se possível uma mudança de práticas, com o objetivo de dar ao aluno a competência em utilizar a leitura como um instrumento útil em sua vida, além da escola. (1992, p.06)

Nesse sentido, caberá à escola, enquanto espaço formal de articulação e promoção das práticas leitoras, proporcionar ao seu aluno condições favoráveis para que esse possa exercer o ato de ler de forma plena, dinâmica e construtiva. Essa mudança de práticas, da qual fala Molina (1992), determinará novas maneiras da leitura a serem inseridas na vida escolar. Assim sendo, a prática de contar histórias pode ser um modo bastante peculiar e convidativo à leitura, pois o aluno poderá se familiarizar com os textos que farão parte do seu dia a dia, refletindo sobre eles e

atentando também para a importância da palavra escrita, despertando para o prazer da leitura e a diferença que a inserção nessa atividade poderá fazer em suas vidas.

Assim, acreditamos que o profissional da educação, quando assume a função de contador de história, pode tornar a rotina em sala de aula mais agradável. O momento da contação é também propício para esse sujeito colocar suas crenças e lançar desafios, criando um “campo de trocas”, cuja finalidade seja contribuir para que as crianças elaborem a sua trajetória pessoal de maneira saudável, na qual a relação de afeto, confiança e aprendizagem seja apreciada e aproveitada.

Celso Gutfriend (2003) pontua que “a razão para que exista tanto poder em contar histórias é porque a vida é melhor entendida e tem significado quando a consideramos como uma história contínua. Na verdade, não existe nenhum jeito de viver a vida sem uma história” (p. 31). A fala do teórico evidencia uma aprendizagem na interação com o outro, isto é, a aprendizagem se dá na interação entre os sujeitos da realidade escolar, em um percurso em que se constroem andaimes — para que este atinja o conhecimento desejado. Sobre a importância dessa construção coletiva, o teórico Celso Sisto (2010), conhecido contador de histórias, em *A arte de contar histórias e sua importância no desenvolvimento infantil*, partilha sua experiência com essa atividade: “contar história é dialogar em várias direções: na arte, na do outro, na nossa! Os objetivos podem mudar — é recrear, é informar, é transformar, é curar, é apaziguar, é integrar — podem se alternar, mas nunca acaba com o prazer de escutar o que o outro tem a dizer! De participar! De criar junto!” (2010, p. 95).

#### **4 “ERA UMA VEZ...”: A PRÁTICA DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM AMBIENTE ESCOLAR**

Nesta seção, pretende-se relatar a prática e discuti-la a partir do entremeio entre prática e teoria. No decorrer das atividades, os alunos tiveram contato com histórias de variados gêneros como lendas, contos de fada, fábulas e contos de terror. Entre as lendas trabalhadas estão as da “Dona Labismina” e “Por que o Mar Chora Tanto?”, pertencente ao folclore sergipano; a “Lenda da Erva-mate” e a “Lenda do Monstro da Panela do Candal”, que fazem parte do folclore sul-riograndense, sendo a última mais específica da região dos pampas do estado. A exemplo dos contos de fada trabalhados, destaca-se “Pinóchio”, “Simbad, o Marujo” e “Rapunzel”. Além desses, adicionaram-se as fábulas “Os Sete Cabritinhos”, “A Galinha Ruiva” e “Festa no Céu”. Por fim, foram trabalhados contos de terror e suspense extraídos de livros como *Contos de Assombração*, de Maurício Pereira (2010), que contém histórias e lendas do folclore latino-americano e ainda “Sete Ossos e uma Maldição”, de Rosa Amanda Strauzz, e o *Livro dos Medos*, organizado por

Heloísa Prieto, com contos de diversos autores.

Podemos perceber que o fato dos alunos serem expostos a diferentes histórias e a diferentes gêneros foi benéfico. Chegamos a essa conclusão tomando como referência uma análise qualitativa dos questionários respondidos pelos alunos, nos quais perguntas abrangentes como “Você gostou da contação de histórias? Por quê?” apontaram para esse ganho. De forma a salientar, segue abaixo um trecho do questionário feito pelo aluno X, do 3º ano<sup>5</sup>: “Eu gostei muito das histórias, porque era[sic] muito diferentes. O que mais gosto é de terror, mas gostei de conto de fadas. Eu já conhecia umas histórias, mas aqui é mais divertido” (QUESTIONÁRIOS, 2018, *online*).

Cada encontro buscou trabalhar um gênero textual, no qual os alunos recebiam insumo do gênero e depois contavam histórias parecidas ou que remetiam, de alguma forma, a história apresentada. Parte-se da necessidade de motivação do aluno para o ato de contar. Em sala de aula, é possível assumir uma posição de contador de histórias. Para aqueles que o escutam, esse irá ganhar o status de um sedutor(a) contador(a) de histórias, como Sherazade, a misteriosa narradora de Mil e uma noites<sup>6</sup>. Nessa perspectiva, de acordo com Tânia Ramos Fortuna, os contos seduzem, “[...] porque são maravilhosamente transmitidos por meio da tradição oral, de forma transgeracional, de uma geração à outra, em momentos mágicos de encontro das infâncias — da infância de uma criança com a infância de um adulto que foi criança” (2005, p.21). Essa sedução, que encaminha e atrai o aluno em direção ao mundo das artes e das letras, cria a possibilidade de estreitar os vínculos afetivos entre as partes.

O “Era uma vez” dos narradores estabelece um clima novo, o ato da leitura em conjunto, do momento de interação, de troca, acaba por criar vínculos que podem facilitar o trabalho do professor na sala de aula em todos os sentidos. Piaget (1972), a esse respeito, diz que:

A pessoa do outro é um objeto afetivo, bem entendido, em grau supremo, mas é ao mesmo tempo o objeto cognitivo o mais interessante, o mais vivo, o mas imprevisto, o mais instrutivo, e neste nível, objeto, eu repito, que é fonte de percepção, de ações de todo gênero, de imitação, de causalidade, de estruturação espacial. Assim, a pessoa do outro é um objeto que supõe uma multidão de trocas nas quais intervêm fatores cognitivos tanto quanto fatores afetivos, e se é de importância predominante quanto a um destes dois aspectos, ele o é, eu penso, tanto quanto ao outro (1972, p.66).

É necessário ainda que o contador/professor esteja em sintonia com a narração; é preciso que se criem atividades motivadoras, que incluam a compreensão e a interpretação da história narrada. Ser professor é estar sempre em questionamento consigo mesmo, buscando novas

<sup>5</sup> É importante ressaltar que os professores auxiliaram suas respectivas turmas na realização do questionário, visto que muitas estavam em processo de aquisição da linguagem escrita.

<sup>6</sup> Sherazade foi responsável pela humanização do Rei de seu povo, salvando as mulheres de sua pátria



maneiras de atrair o interesse do seu aluno, novas fórmulas de aprendizado.

Délia Lerner (2002) é outra teórica que aponta os benefícios de se fazer da leitura uma prática constante e rica, partilhando suas experiências pessoais com entusiasmo; narrar histórias é um dos papéis fundamentais do professor-educador, de modo que esse exercício pode se tornar uma importante via para a criação de laços com os seus alunos. É fundamental apontar que o exercício de contar histórias, para aqueles que dela participam, pode contribuir para estimular o poder da observação, expandir as experiências, criar o gosto artístico, estabelecer uma ponte entre o mundo da fantasia e o da realidade, estimular a curiosidade, encontrar idéias e possibilidades de resolver questões, aconchego, espaço de troca, inserir-se em uma nova cultura e aguçar a sensibilidade (LERNER, 2002).

Tais benefícios podem ser denotados em um trecho retirado do questionário do professor A, no qual pode-se observar que:

A contação de histórias tem sido muito importante para os alunos, a turma que eu trouxe ao projeto está sempre perguntando quando voltaremos à biblioteca para saber novas histórias. Além disso, pude observar o poder transformador da inserção das histórias em minha prática docente e estou agregando momentos de contação em outras turmas. O contato com histórias de personagens distantes, faz com que os alunos possam discutir grandes questões sobre cidadania e comportamento (QUESTIONÁRIOS, 2018, *online*).

Como visto acima, ao se colocar como contator de histórias e trazer novas narrativas, o professor insere em sua prática um importante instrumento para a discussão de experiências pessoais e de entendimento dos demais sujeitos. Os professores e demais profissionais da escola também expressaram as vantagens na realização de tais atividades. Dentre os sete professores que responderam o questionário, a totalidade declarou nunca ter visto os alunos tão participativos, bem como atentos ao que estava sendo proposto (QUESTIONÁRIOS, 2018, *online*). De acordo com eles, as diferentes formas de interação expressas — formas que foram ficando cada vez mais espontâneas no decorrer das semanas — pelos discentes sugerem o quão dispostos todos estavam na participação das práticas.

A cada cena narrada, os discentes expressavam as mais diferentes sensações, variando conforme a narrativa se desenrolava, ora demonstrando apreensão, ora satisfação, ora fascínio. A identificação com os personagens narrados era relatada a cada nova história — muitas delas eram contadas pelos alunos ainda enquanto alguma história estava sendo narrada —, sugerindo que os pequenos alunos tinham uma relação prazerosa e de reconhecimento com as personagens apresentadas. Como pode-se observar no trecho retirado do aluno B, do 5º ano:

Eu não fiquei com medo do monstro da Panela do Candal, fiquei com pena porque ela

era boazinha e machucaram ela. Acho que ela tinha razão por estar braba[sic]. Eu acho que tinham que conversar com ela. A professora contando a história, ficamos com muita pena das pessoas também porque tiveram medo da cobra. Eu gostei muito da história porque ela está em um lugar de verdade, eu queria ir visitar (QUESTIONÁRIOS, 2018, *online*).

No excerto acima, podemos perceber que as histórias contadas foram de especial importância para os que nelas, de alguma forma, foram envolvidos. Os alunos, quase na sua totalidade, relatam a vivência de momentos de total encantamento, criatividade e fantasia durante as contações. Além disso, eles se conectaram com a história sobre o ponto de vista ético, moral e subjetivo. Essas diferentes expressões corroboram o afirmado por Abramovich (2004) de que:

[...] é ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranqüilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve - com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar. Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário! (p. 17).

Dessa maneira, compreendemos que, a conquista do pequeno leitor se dá através deste tipo de relação prazerosa com a história, em que mito e imaginação se confundem e o levam a vivenciar as emoções em companhia dos personagens, introduzindo, assim, circunstâncias que o levam a fazer uma ligação com a realidade. Ademais, sendo a prática de narrativas orais uma atividade lúdica e pedagógica, essa transforma-se em ferramenta essencial de trabalho para o professor que, em sala de aula, pode utilizá-la como uma maneira de apresentação de novos e diferentes lugares, tempos, formas de agir e de ser.

Várias atividades foram desenvolvidas para a tomada de conhecimento das impressões dos discentes. Dessa maneira, para uma interação maior com esses, houve momentos em que os alunos contaram suas histórias de seu próprio conhecimento, muitas crianças lembravam de outras lendas/mitos/histórias que compartilhavam com a turma. Muitas dessas histórias eram narradas com a ajuda dos próprios contadores, que com perguntas iam ajudando os alunos a performarem a narração. Esse fato pode ser observado no relato feito pelo aluno C, do 2º ano: “eu contei a história do lobisomem, que meu tio me contou que andava pelos pampas e só aparecia na noite de lua cheia. Muitos dos meus colegas conheciam a história diferente, mas foi muito bacana porque nós fizemos a máscara do lobo e foi muito divertido” (QUESTIONÁRIOS, 2018, *online*).

É importante salientar que os alunos não foram tolhidos de contar suas histórias, mesmo que elas não fizessem parte do gênero proposto. O objetivo da atividade era o de promover um ambiente propício a contar histórias, e a diversidade de gêneros se acrescia a diversidade de histórias, demonstrando aos alunos possibilidades plurais de temáticas e de estruturas narrativas.

Assim, ao fim da exposição do contador, os alunos eram estimulados a vivenciar a experiência da autoria de sua própria narrativa, bem como o fascínio de se lançar às incertezas das novas ideias que se movimentam em seu imaginário.

Como dito anteriormente, algumas atividades foram realizadas exclusivamente com os profissionais envolvidos nas atividades — professores, bibliotecários e monitores. O objetivo dos exercícios propostos era aferir os resultados percebidos por esses nas práticas que vinham sendo desempenhadas pelo grupo de contadores de história. Esses profissionais responderam questionários tanto no início do trabalho com a contação de histórias quanto ao final desse. Muitos deles não participaram de todas as contações, porém, sempre que esses se faziam presentes, eram sempre motivados a participarem ativamente das tarefas. Desde o início das intervenções realizadas, ficou combinado que alguns professores e demais funcionários ficariam responsáveis pela preparação da dinâmica de algumas semanas de atividade. Para tanto, reuniões semanais foram utilizadas para a esquematização e organização dos materiais que viriam a ser utilizados; todas os encontros eram discutidos entre o grupo:

Para mim, as atividades de contação de histórias foram um reencontro com os meus alunos e comigo mesmo enquanto docente. Levar a contação de história a meus alunos renovou a minha relação com eles. Além disso, as minhas reuniões com o grupo faziam com que eu aprendesse novas práticas e tivesse um momento de troca, onde[sic] discutíamos as melhores abordagens, bem como os motivos de fazer o que fazíamos (QUESTIONÁRIOS, 2018, *online*).

Como visto, pode-se perceber que as atividades fortaleceram o elo de ligação entre os alunos e a professora em particular. A aproximação entre alunos e professores, de modo geral, tornava-se notavelmente estreita nos momentos de contação, pois a interação dava-se prazerosamente. Nesse viés, acreditamos que o que foi verificado na atividade prática, sugere a importância do engajamento dos educadores com o compromisso do desenvolvimento dessas atividades em sala de aula, contribuindo para a formação salutar dos educandos, no sentido de ponderar acerca das dificuldades do cotidiano da escola em que estão inseridos.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao compreendermos a escola como um espaço de (re)construção de diferentes conhecimentos, é fundamental que nela sejam desenvolvidas ações que deem atenção às práticas orais como as atividades de contação de histórias. O ato de contar histórias contribui com os aspectos cognitivo, físico, psicológico, moral e social do processo de ensino-aprendizagem, proporcionando um maior desenvolvimento perceptivo no aluno. Assim, a hipótese que se

procurou fundamentar no presente trabalho apoiou-se na crença de que as narrativas oferecem possibilidades de autoconhecimento, em função de trazerem à tona emoções e vivências que poderão promover o desenvolvimento integral da criança em idade escolar.

Foi intenção deste trabalho resgatar o papel do contador de histórias na figura do professor, que pode representar importante função no desenvolvimento dos aspectos cognitivos e afetivos de seus alunos, além de formar novos leitores. O trabalho refletiu também sobre a forma como o desenvolvimento de atividades de contação de histórias impactou na criação de laços entre os personagens do ambiente escolar. Acreditamos que os exercícios desenvolvidos colaboraram para um espaço mais valoroso para o processo de ensino e aprendizagem.

Percebemos que, através dos relatos de educadores e alunos, a prática da contação de histórias promoveu um ganho para todos os envolvidos, sejam eles os ouvintes, que foram instigados a libertar sua criatividade, seja o contador, que teve a oportunidade de criar um ambiente saudável, atrativo e motivador para a aprendizagem. Ademais, salientamos a importância social da prática, uma vez que a sociedade contará com cidadãos mais criativos, cientes do seu papel e capazes de conviver com a diversidade.

Entendemos a importância do desenvolvimento de atividades de contação histórias, bem como o seu papel na formação de leitores. As reflexões dos teóricos aqui mencionados, ao serem colocadas em prática, revelaram a importância do papel do contador e da interação aluno/professor na mediação de aspectos afetivos e cognitivos.

A elaboração desse exercício provocou uma reflexão acerca da importância desses momentos, bem como sobre a possibilidade de promoção de leitura que os mesmos ofereceriam caso fossem uma prática regular nas salas de aula, especialmente os direcionados aos alunos de 1º ao 5º ano, partindo do professor regente. Imagina-se que, assim, a construção do conhecimento poderia se dar de forma bem mais produtiva e significativa, estreitando os laços entre professor e turma, de tal maneira que a sala de aula tornar-se-ia um dos lugares mais interessantes para eles.

Além disso, entende-se que, os professores adeptos dessa prática, estariam contribuindo, sobremaneira, na formação de novos leitores críticos e competentes. Nesse intuito, é urgente a motivação das escolas para o desenvolvimento de técnicas ou meios próprios para a aprendizagem real, auxiliando na construção de uma realidade escolar proveitosa para os que dela fazem parte.

## **WHY DO WE TELL STORIES? A CASE STUDY ON THE POWER OF ORAL LITERATURE IN THE FORMATION OF SUBJECTS**

## ABSTRACT

The present work aims to discuss the importance of the development of storytelling activities in a school for the rapprochement between educators and students, as well as the importance of narratives in the growth of the individual. For that, we start with a case study carried out with teachers and students of elementary education in a city in the interior of Rio Grande do Sul. This analysis is based on the theoretical reflections of Olga Molina (1992), Fanny Abramovich (2004), and Alessandra Giordano (2007), scholars who point out the need to develop practices that place storytelling as a practice in the classroom. In this way, we believe that the activities carried out by the storytelling group, with some agents of the school, have contributed to an even more valuable space for the teaching and learning process. In addition, we understand that the activities contributed to the construction of an effective space of exchange and engagement between teachers and students in a more productive and meaningful way.

**Keywords:** Juvenile literature; Orality; Storytelling; Classroom; Teaching practice.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 2004.
- BORGES, T.M.M. **A Criança em Idade Pré-Escolar**. São Paulo: Ática, 1994.
- CÂNDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem, Ciência e Cultura**. V. 24: 803-809, set, 1972.
- CASCUDO, Câmara. **Contos Tradicionais do Brasil**. São Paulo: Global, 2001.
- CARVALHO, B.V. **A literatura Infantil: visão histórica e crítica**. São Paulo: Global, 1998.
- COELHO, Betty. **Contar histórias, uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 1997.
- FORTUNA, T. R. “O fascínio das canções, histórias e desenhos infantis”. In: FORTUNA, T. R.. **Criar: Revista de educação infantil**. São Paulo, ano I, n. 3, p. 20-21, mai/jun.2005.
- GUTFREIND, Celso. **O Terapeuta e o Lobo: a Utilização do Conto na Psicoterapia da Criança**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- HOMERO, . **Odisséia**. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Abril, 1978[entre 750 e 650 a.C].
- SOSA, Jesualdo. **A literatura infantil**. São Paulo: Cultrix. 1978.
- LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- MCLUHAN, Marshall. **Revolução na comunicação**. Tradução de: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: ZAHAR EDITORES, 1971.
- MOLINA, Olga. **Ler para aprender: desenvolvimento de habilidades de estudo**. São Paulo: E.P.U., 1992.
- PEREIRA, Maurício. **Contos de Assombração; Causos Arrepiantes de Redenção da Serra**.

São Paulo: Editora DCL, 2010.

PIAGET, J. A. **Inconsciente Afetivo e Inconsciente Cognitivo**. Rio de Janeiro: Forense, 1972.

QUESTIONÁRIOS, . “Questionários sobre a prática de contação de histórias”. 06 Dez 2018.

Disponível em: <[https://docs.google.com/document/d/1h4Er4aCly3J7zisqTfw5TPZQtBIskB\\_9HMhTnojZ8tE/edit?usp=sharing](https://docs.google.com/document/d/1h4Er4aCly3J7zisqTfw5TPZQtBIskB_9HMhTnojZ8tE/edit?usp=sharing)>. Acesso em: 08 Set 20.

RITER, Caio. **A formação do leitor literário em casa e na escola**. São Paulo: Biruta, 2009.

SANDRONI, Laura; MACHADO, Luiz Raul. “A criança e o Livro”. In: SANDRONI, Laura;

MACHADO, Luiz Raul. **Guia Prático de Estimulo à Leitura**. São Paulo: Ática, 1986.

SANT’ANNA, Vera. “A importância da contação de história como prática educativa na educação infantil”, Belo Horizonte, **Pedagogia em ação**, PUC/Minas, 2013. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/viewFile/8477/7227>>. Acesso em: 17 de janeiro de 2020.

SISTO, Celso. **A arte de contar histórias e sua importância no desenvolvimento infantil**. São Leopoldo: Pro Letramento, 2010.

THAHAN, Malba. **A arte de ler e contar histórias**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1966.